Signótica | ISSN: 2316-3690 DOI: 10.5216/sig.v38.82642

Dossiê - Literatura e investigação: enquete, entrevista, testemunho e reportagem nos séculos XIX e XX

Enquete sobre a enquete: um modelo historiográfico, um modelo romanesco

Inquiry about the inquiry: a historiographical model, a romanesque model

Encuesta sobre la encuesta: un modelo historiográfico, un modelo novelesco

Éléonore Reverzy
Université Sorbonne Nouvelle , Paris, França
eleonore.reverzy@sorbonne-nouvelle.fr

Zadig Gama (tradutor)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil
zadiggama@letras.ufrj.br

Resumo: O artigo analisa a enquete ao longo dos séculos, com foco em sua relação com a literatura. Examina a história e as acepções do termo entre os séculos XVII e XIX, bem como sua dimensão filosófica ligada ao direito moderno. Essa trajetória permite compreender, sob um viés historiográfico, a formação de novos paradigmas em estudos sistemáticos e mostrar como, no século XIX, a experiência sensorial do autor com o mundo real enriqueceu a produção literária e jornalística.

Palavras-chave: enquete; paradigmas; programas romanescos.

Abstract: The article analyzes the inquiry across the centuries, focusing on its relationship with literature. It examines the history and meanings of the term between the seventeenth and nineteenth centuries, as well as its philosophical dimension linked to modern law. This trajectory allows for a historiographical understanding of the formation of new paradigms

in systematic studies and shows how, in the nineteenth century, the author's sensory experience with the real world enriched literary and journalistic production.

Keywords: inquiry; paradigms; novelistic programs.

Resumen: El artículo analiza la encuesta a lo largo de los siglos, con especial atención a su relación con la literatura. Examina la historia y las acepciones del término entre los siglos XVII y XIX, así como su dimensión filosófica vinculada al derecho moderno. Esta trayectoria permite comprender, desde una perspectiva historiográfica, la formación de nuevos paradigmas en los estudios sistemáticos y mostrar cómo, en el siglo XIX, la experiencia sensorial del autor con el mundo real enriqueció la producción literaria y periodística.

Palabras clave: encuesta; paradigmas; programas novelescos.

Submetido em: 13 de maio de 2025
Aceito em: 22 de setembro de 2025
Publicado em: 16 de junho de 2026

1 Genealogia da enquete

A palavra "enquete"[1] tem uma abrangência considerável. Circulando sobretudo, mas não exclusivamente, no âmbito judicial, o termo pode ser encontrado, igualmente, em contextos religiosos e etnográficos, assim como nos estudos sociais e históricos, estendendo-se até mesmo à literatura. Assim como é o caso do "documento humano", expressão utilizada pelo historiador Jules Michelet, pelos irmãos Edmond e Jules de Goncourt e por Émile Zola – estes três últimos disputando a sua paternidade –, enquete é um termo que remete à história, à etnologia, à sociologia e, consequentemente, à literatura realista e naturalista, que promoveu a enquete, ao mesmo tempo, como um método e como um modelo.

Nas edições do *Dictionnaire de l'Académie française*, publicadas entre 1694 e 1798, a palavra "enquete", em francês, varia em sua grafia e significa: "Investigação efetuada por ordem judicial"[2]. A título de exemplo, há a enquete por testemunhos e o relatório de enquete. No domínio cível, o termo "enquete" refere-se à "informação em matéria criminal"[3]. É, em seguida, para as Câmaras de inquérito nos Parlamentos, para as Câmaras de Inquérito que julgam recursos contra sentenças proferidas em julgamentos escritos que se volta o mesmo verbete do *Dictionnaire*. Aquele que realiza a enquete é, por sua vez, nas mesmas edições do *Dictionnaire de l'Académie française*, referido como "um juiz ou funcionário nomeado para efetuar investigações"[4]. Em ambos os casos, o significado da palavra "enquete" limita-se ao domínio das leis e da instituição judiciária.

No caso do *Grand Dictionnaire universel du XIX*e *siècle*, de Larousse, publicado nos anos de 1860, são as definições ligadas à informação e à investigação que aparecem em primeiro plano. Na primeira linha de seu verbete, por exemplo, há uma referência à

1 Neste artigo, a palavra francesa "enquête" é traduzida por "enquete", ainda que por vezes seja possível traduzi-la por "inquérito" (N. T.).

2 No original: "Recherche qui se fait par ordre de justice".

3 No original: "Information en matière criminelle".

4 No original: "Juge ou un officier commis pour faire des enquêtes".

ciência – o que não é surpreendente em um dicionário positivista. No primeiro sentido, enquete é: "[...] informação; reunião de testemunhos e experiências para esclarecer uma questão duvidosa: *Não há magia ou feitiço que resista a uma enquete científica suficientemente sincera para ter em conta todos os fatos*" (Larousse, t. 7, 1870, p. 600)[5]. Já no segundo sentido: "[...] pesquisas ordenadas pelo governo ou por uma autoridade administrativa: *Uma enquete comercial. Fazer uma enquete para a abertura de uma rua*" (Larousse, t. 7, 1870, p. 600)[6].

São, em seguida, os sentidos ligados ao legislativo – por exemplo, uma comissão de enquete que é nomeada antes de uma lei ser debatida – e ao judicial que prevalecem. Essa última acepção é amplamente desenvolvida no artigo de Larousse (1870), que assinala, sem comentar, que a palavra *enquete* vem do latim *inquisitio*. Cabe lembrar que "inquisitivo", que dá origem, naturalmente, à "inquisição", vem do verbo latino *quaero* (ver em francês *quérir*, *s'enquérir*), que significa "procurar", "perguntar", "interrogar". Essas definições, contudo, são apenas parcialmente satisfatórias, pois elas refletem, muito provavelmente, uma epistemologia e uma ideologia da época.

2 Foucault e os regimes de verdade

Na década de 1970, a enquete foi comentada por Michel Foucault, primeiro na conferência "La vérité et les formes juridiques", proferida em 1973 e editorada em livro no ano seguinte, e depois no livro sobre a instituição prisional, *Surveiller et punir: Naissance de la prison*, de 1975, no qual o autor analisa a passagem da *épistémè* da enquete para a do exame, declarando, aliás, o fim da enquete no século XIX. Em sua conferência, Foucault afirma que:

> [...] o que chamamos *inquérito* (*enquête*) – inquérito tal como é e foi praticado pelos filósofos do século XV ao sé-

5 No original: "Information; réunion de témoignages et d'expériences pour élucider une question douteuse : Il n'y a ni magie ni sortilège qui résiste à une enquête scientifique assez sincère pour tenir compte de tous les faits".

6 No original: "Recherches ordonnées par le gouvernement ou par une autorité administrative : *Une enquête commerciale. Ouvrir une enquête pour le percement d'une rue*".

> culo XVIII, e também por cientistas, fossem eles geógrafos, botânicos, zoólogos, economistas – é uma forma bem característica da verdade em nossas sociedades (Foucault, 2002, p. 12)[7].

Foucault fixa a origem da enquete na história de *Édipo rei* e no estabelecimento do testemunho do pastor que acolhera a criança abandonada: é este testemunho que permite identificar Édipo como assassino e filho de Laio, bem como rei, marido e filho de Jocasta, colocando igualmente em cena os vários elementos que levam à expulsão do rei de Tebas. Foucault mostra que o que a tragédia de *Édipo* conta é, antes de tudo, essa investigação gradual, que começa com as palavras dos oráculos e do adivinho Tirésias e termina com a correlação dos diferentes componentes da história no final da tragédia de Sófocles. "*Édipo rei* é uma espécie de resumo da história do direito grego" (Foucault, 2002, p. 54).

Esse modelo de enquete desaparece em seguida e reaparece apenas na época carolíngia, no âmbito judicial.

> E foi no meio da Idade Média que a enquete apareceu como forma de pesquisa da verdade no interior da ordem jurídica. Foi para saber exatamente quem fez o quê, em que condições e em que momento que o Ocidente elaborou as complexas técnicas do inquérito que puderam, em seguida, ser utilizadas na ordem cientifica e na ordem da reflexão filosófica (Foucault, 2002, p. 12)[8].

Foucault resume que a enquete pode ser compreendida como uma forma de "saber-poder"[9] (Foucault, 2002, p. 78). Segundo o filósofo, o século XIX assistiu ao fim da era da enquete e ao início da era do exame, fundado em outras práticas – vigilância, inspeção

7 No original: "Ce qu'on appelle l'enquête – enquête telle quelle est et a été pratiquée par les philosophes du XV^e^ au XVIII^e^ siècle, et aussi par les scientifiques, fussent-ils géographes, botanistes, zoologues, économistes – est une forme assez caractéristique de la vérité dans nos sociétés".

8 No original: "C'est au milieu du Moyen Âge que l'enquête est apparue comme une forme de recherche de la vérité à l'intérieur de l'ordre judiciaire. C'est pour savoir exactement qui a fait quoi, dans quelles conditions et à quel moment, que l'Occident a élaboré les techniques complexes d'enquête qui ont pu, ensuite, être utilisées dans l'ordre scientifique et dans l'ordre de la réflexion philosophique".

9 No original: "Savoir-pouvoir".

e peritagem – que se preocupam menos com a "reconstituição" da verdade (como na história de Édipo) do que com seu controle a partir de um quadro normalizador e prospectivo.

3 Da Grécia antiga à modernidade investigativa

De minha parte, assim como fizera Foucault, gostaria igualmente de regressar à Grécia antiga, mas, dessa vez, no terreno da historiografia. Heródoto, que é frequentemente referido como o pai da história, descreve a si próprio como um investigador. Lembremos que a palavra grega *histor* significa testemunha, aquele que sabe porque viu ou aprendeu, segundo o *Dictionnaire etymologique de la langue grecque* (1968), de Chantraine. *Historiè*, que é a atividade do *histor*, é, portanto, a recolha de provas, ou seja, a enquete. Esta era uma palavra nova no século V de nossa era. O título da obra de Heródoto, que é incorretamente traduzido por *Histórias*, é, na realidade, *Enquetes*. Ele descreve o que viu ou ouviu, e formula a opinião, a *gnomé*, que criou para si. Mas as suas *Enquetes* são, em parte, relatos de viagem: antes de relatar as guerras medievais, Heródoto visitou os povos do mundo, com os olhos e os ouvidos alertas, atento aos costumes, às lendas e aos mitos que tinham desenvolvido, interrogou os bárbaros, fez com que intérpretes traduzissem as versões dos acontecimentos que tinha recolhido e as comparou, como se o seu principal interesse residisse nesse processo de levantamento de dados com o objetivo preservá-los. O proêmio das suas *Enquetes* começa da seguinte forma:

> Este é o relato da enquete feita por Heródoto de Túrio, para que os acontecimentos humanos não desaparecessem com a passagem do tempo, e para que os grandes e maravilhosos feitos realizados pelos gregos e pelos bárbaros não perdessem sua fama, no que diz respeito particularmente à causa pela qual fizeram guerra uns contra os outros (Heródoto, 1932, p. 1)[10].

10 No original: "Voici l'exposé de l'enquête effectuée par Hérodote de Thourioi, afin que les événements humains ne disparaissent pas avec le temps, et que les grands et merveilleux exploits accomplis par les Grecs et par les Barbares ne perdent pas leur renommée, concernant en particulier la cause pour laquelle ils se firent mutuellement la guerre".

Essa enquete não visa a verdade em primeiro lugar, pois, como afirma Heródoto, o objeto de sua narrativa "é escrever como escutou o que cada um contou" (Heródoto, 1932, p. 123)[11]. Dito de outro modo, a fidelidade na transcrição prevalece sobre a exigência da verdade. Heródoto oferece frequentemente várias narrativas mais ou menos plausíveis, até mesmo maravilhosas, pois isso faz parte de seu trabalho de pesquisador e de coletor de dados.

É à figura do pesquisador que convém recorrer em primeiro lugar: ela inaugura o paradigma do testemunho, do viajante que se desloca ao local do acontecimento que pretende reconstituir ou explicar. A verdade não é a única fonte de que se serviu Heródoto – e a tradição muito o acusou de ser mentiroso –, sendo os costumes o que lhe interessava. Ele é, de certa forma, um etnógrafo antes de ser um historiador. Ele não enuncia um discurso de cima para baixo, mas tenta se situar no humano: ele afirma que seu interesse está voltado aos homens, e não aos deuses nem tampouco aos heróis.

Podemos cruzar essa figura, que é, no entanto, o pai fundador da história no Ocidente, com uma outra figura menos oficial, mas que cobre um certo número de características do *histor*. Trata-se do caçador, cuja importância Carlo Ginzburg demonstrou no artigo fundador "Traces. Racines d'un paradigme indiciaire" (1980). Na iconografia renascentista, as enciclopédias representam frequentemente a busca do conhecimento sob a forma de uma cena de caça: a *lógica* incita os seus dois galgos, a *falsidade* e a *verdade*, a apanharem a lebre do *problema*, tendo o cuidado para que eles não se desviassem para a floresta dos *insolúveis*. É essa representação do exercício do pensamento, essa autofiguração, que o modelo de caça retoma com um caçador-pesquisador. O que está em questão não é a predação, nem a violência primária da caça, mas a relação com um objeto ausente: é preciso encontrar a caça e, para isso, é preciso saber interpretar os sinais da sua passagem, reconhecer seu esconderijo, seus hábitos, e decifrar o significado das bolas de pelo, das penas ou dos ramos, dos rastros de patas ou de cascos, dos excrementos, das folhas caídas etc.

11 No original: "[...] c'est d'écrire comme je l'ai entendu ce que chacun raconte".

É igualmente uma referência ao passado: um animal passou por aqui? quando? que animal? A inteligência do caçador é evidenciada no terceiro capítulo de *Zadig, ou La Destinée* (1747), de Voltaire: é nessa passagem que Zadig encontra alguns homens à procura da cadela da rainha, por ele descrito com muita precisão (havia tido cria há pouco, era manca, tinha orelhas muito compridas) porque havia notado uma série de pistas (nesse caso, pegadas na areia) e as interpretou para fazer um tipo de retrato-falado do animal. Esse modo de raciocínio indutivo, presente nas enquetes policiais, coloca-nos em uma perspectiva judicial: não se trata de buscar o conhecimento por si só, mas de estabelecer a verdade dos fatos passados.

Podemos acrescentar, ao que Ginzburg afirma, que o final do século XIX assistiu à conjunção de três formas de enquete:

- a interpretação dos sintomas psíquicos (Freud e a invenção da psicanálise);
- a identificação dos autores de obras de arte com base no método utilizado pelo historiador de arte Giovanni Morelli (reconhecimento de pormenores que permitem a atribuição de pinturas, em particular a forma das orelhas ou dos dedos);
- e o nascimento do romance de enquete policial (Conan Doyle).

Em todos os casos, é o detalhe, e muitas vezes o detalhe lateral, o resíduo, que se revela mais interessante: no sonho, é este ou aquele pequeno elemento; nas pinturas do *Quattrocento* é a forma dos pés ou das orelhas que *a priori* não atrai a atenção do espetador; do mesmo modo, é por um cinzeiro cheio ou por pegadas debaixo de uma árvore que Conan Doyle identificará o culpado, e não pela arma do crime. O "paradigma indiciário" de Ginzburg (que chamou "paradigma científico" na primeira publicação, de 1979) é também um "paradigma inquisitorial", caraterístico do século XIX (Pennanech, 2010). A expressão permite realçar o que faz parte de um processo e de uma etapa, de um questionamento e de uma exploração – sem prejulgar os resultados. Lembremos que o *histor* é um olho e um ouvido, antes de formular a sua *gnomè*.

As grandes enquetes do século – para pegarmos outra de fora do domínio médico-social, por exemplo, a *Enquête sur l'évolution littéraire* de Jules Huret, publicada em 1891, no *Écho de Paris* – podem se apresentar sob a forma de entrevistas sucessivas e de questionários idênticos distribuídos a quem quer que seja: trata-se de um protocolo que se apresenta desta maneira, mais valorizado do que o próprio objetivo perseguido por quem realiza a enquete. A enquete pode apenas trazer respostas temporárias e moduláveis.

Esses diferentes modelos – o da recolha de testemunho (o trabalho do *histor*), o da interpretação de indícios (o "paradigma do indiciário" de Ginzburg) – podem ser reunidos sob a designação genérica de enquete, tendo em conta que, no primeiro caso, a recolha de provas prima pelo estabelecimento da verdade, enquanto, no segundo caso, as observações devem conduzir à verdade através de um processo de indução. Seja como for, e talvez ao contrário do que afirma Michel Foucault, o século XIX não assistiu ao fim da enquete, mas sim ao seu triunfo – e talvez também com contornos menos bem definidos, na medida em que essa enquete é colocada ao serviço de um poder mais abstrato, já que foi o poder moderno que surgiu após a Revolução Francesa e o fim da sociedade teocrática, que era o Antigo Regime.

As enquetes administrativas, reativadas pelos acontecimentos revolucionários e alimentadas ao longo do século pelas burocracias e pelos parlamentos, grandes consumidoras de informação, acontecem em um ritmo bastante rápido. A sensação de opacidade, de ilegibilidade e de disfunção, em um mundo social em rápida mutação, deu origem a uma série de investigações ou de "observações" sem precedentes, tanto por meio da literatura – pitoresca, divertida ou realista – como da medicina, da saúde pública, da filantropia, da economia e da "ciência" social, que ainda não se chamava sociologia. Trata-se de decifrar esse corpo social de contornos movediços e instáveis; de explorar os territórios marginais do crime e da prostituição. Assim, muitas obras intituladas "Enquetes" ou "Observações" foram publicadas, como *De la prostitution dans la ville de Paris*, do médico Alexandre Pa-

rent-Duchâtelet, fruto de uma longa enquete sobre a prostituição realizada durante a Restauração francesa, que levou em conta as origens geográficas e sociais das prostitutas, seu percurso na sociedade, suas marcas distintivas, doenças que as afetavam, a maneira como falavam, onde e como viviam. Todos os escritores, de Honoré de Balzac aos irmãos Goncourt, passando por Émile Zola e pelos pequenos naturalistas, recorrem a essa grande enquete ao longo do século XIX e a esgotam, o que contribui para fixar e solidificar um tipo de prostituta que apresenta sempre os mesmos traços: nomadismo, instabilidade de personalidade, tendência para a histeria, voz rouca, preferência por bebidas fortes... O trabalho de Frédéric Le Play, que, em 1848, elabora um questionário destinado às famílias operárias de toda a Europa (sobretudo da Alemanha, Inglaterra e França), interessa-se ao mesmo tempo pela vida prática, religião, hábitos de economia ou de independências, alimentação, mobiliário e vestuário dos operários solicitados. Foi a partir desse material sociológico que Le Play elaborou seu livro *Les Ouvriers européens*, em 1855.

Toda enquete séria pressupõe, em sua origem, a existência de um enigma; que a ordem das coisas a esse ponto tenha se tornado obscura, perturbada ou problemática, que ela tenha se tornado doravante ininteligível. O autêntico processo de enquete não deve se contentar em reunir informações ou compilar saberes, ele deve resolver um enigma. Ora, aquilo que, desde o início do século XIX, constitui-se em enigma maior, tem sempre a ver com o funcionamento ou, ainda, com o mau funcionamento da "sociedade", essa entidade nova e autônoma que se dissocia progressivamente do religioso, do político e do topográfico. O enigma que atormenta aquele século é o enigma do real, o enigma do social, entendido aqui como o produto ou a expressão da interação dos indivíduos. Para resolver esse enigma, profissionais do social podem intervir: médicos, juristas, filantropos, o pessoal do administrativo ou do judiciário; e a literatura está em pé de igualdade em sua vontade de construir vastos programas romanescos (obras-mundo) suscetíveis de mostrar toda a sociedade e trazer

à luz seus funcionamentos, seus bastidores, de revelar o que as fachadas escondem. Balzac (1839, p. 17-18) escreve, no prefácio de *Une Fille d'Ève*, que "[...] não há nada nesse mundo que seja feito de um bloco inteiro, tudo é um mosaico. Só é possível contar cronologicamente a história dos tempos que passaram, sistema inaplicável a um presente em curso"[12]. O autor tem, diante de si, como modelo, o século XIX, modelo extremamente movediço e difícil de fazer ficar parado. Ele testemunha bem esse enigma que constitui um corpo social radicalmente modificado pela Revolução Francesa e que havia acabado de entrar em declínio, em oposição à sociedade de castas do Antigo Regime.

4 O romance se faz enquete

O primeiro prefácio de *Germinie Lacerteux*, dos irmãos Goncourt, declara, em 1865, que o gênero romanesco é doravante "a forma séria, apaixonada, viva, do estudo literário e da enquete social" (Goncourt, 2023, p. 232). Émile Zola, por sua vez, define o século XIX, no *Roman expérimental*, em 1880, como a "era da enquete"[13] (1902, p. 293). O romancista torna-se aquele que faz enquetes: o próprio Zola sai a campo com uma caderneta de notas, interroga os mineiros e os empregados de loja de departamento, dá conta da questão na literatura séria e na imprensa, antes de engajar a redação de seus romances. Seus trabalhos preparatórios são publicados por Henri Mitterand, com o título de *Carnets d'enquête*, nos anos 1970. Em suma, a enquete está em todos os lugares.

A enquete fornece igualmente um modelo, poderíamos dizer um *pattern*, a diversos gêneros: ao romance policial, obviamente, que aparece com Edgar Allan Poe nos Estados Unidos, com Gaboriau na França e com Conan Doyle na Inglaterra. Há, então, uma poética da enquete, que passa dos domínios da história, da sociologia, logo da antropologia criminal, para o romance policial: a figura daquele que faz a enquete, uma espécie de caçador de indícios, e a

12 No original: "Il n'y a rien qui soit d'un seul bloc dans ce monde, tout y est mosaïque. Vous ne pouvez raconter chronologiquement que l'histoire du temps passé, système inapplicable à un présent qui marche".

13 No original: "L'âge de l'enquête".

forma progressiva da narração que deve proceder da descoberta de um crime à condenação de um culpado e ao triunfo da verdade devem tudo à enquete, cujo modelo vem da história e da antropologia.

Mas a enquete serve igualmente de modelo para as formas jornalísticas, que, por sua vez, vão se difundir na literatura. É evidentemente o caso da reportagem: esse gênero jornalístico, que deriva da narrativa de viagem, com a diferença de que ele está ligado à cobertura de um evento, desenvolve-se completamente ao longo das guerras. Isso pode ser facilmente visto nos Estados Unidos da América com a cobertura da Guerra de Secessão nos anos de 1860. Há as primeiras reportagens fotográficas, do lado britânico, sobre a Guerra da Criméia, em 1855 – guerra que é coberta de maneira absolutamente diferente pela imprensa francesa do Segundo Império e pela imprensa anglo-saxã. É aqui que surge a questão do testemunho e da literatura de testemunho. Essas "vidas expostas" são as narrativas das testemunhas ordinárias da Paris em estado de sítio e da Comuna, nos anos de 1870 e 1871 (Jeannelle, 2004), em um momento em que a população parisiense sitiada teve o sentimento de viver algo de inaudito e de que cada um deveria dar conta – daí inúmeros escritos do âmbito privado nessa época, diários e correspondências. Essas narrativas impulsionam igualmente a enquete, uma enquete que cada um pode colocar em prática.

Aparece, assim, uma constelação que me alegro em compartilhar: enquete reportagem, testemunho, que são, ao mesmo tempo, formas jornalísticas e modelos que dão subsídios para gêneros literários emergentes (romance-policial), trabalhados em gêneros contemporâneos (romance de costumes) ou retrabalhados em gêneros antigos (as memórias, por exemplo) (Galby-Marinetti, 2022). Aquele que faz as enquetes – o repórter sendo sua derivação midiática – contenta-se com os fatos: ele os descreve com a maior precisão depois de ter interrogado as testemunhas, ele exibe sua subjetividade, ele não se atrapalha com as palavras. Ele se aproxima do *histor* de Heródoto na busca por uma forma de verdade, mas não almeja uma subjetividade inalcançável; envolve seu cor-

po, seus afetos e suas emoções no contato direto com o acontecimento – seja uma catástrofe, uma guerra ou um evento esportivo. Essa presença sensível confere ao que escreve uma dimensão mais próxima, mais encarnada.

Contrariamente ao jornalista dos anos 1830, que é facilmente caricaturado como escritor fracassado, o repórter está na ação, como mostrou Guillaume Pinson em *L'Imaginaire médiatique* (2013). É o "eu", o "eu vi" que escande essas enquetes. Esse "eu" convoca um "tu", o leitor. E nisso, a enquete, que nasce desse novo mundo democrático e de suas incertezas, de suas tensões, das interrogações por ele suscitadas, é igualmente uma forma democrática através da qual cada um está no direito de participar da busca pela verdade, de produzir sua interpretação e de discutir a dos outros. A enquete promove, além disso, novas figuras heroicas: o policial que assume a forma do homem comum que será Maigret, o detetive que vai a campo com um pensamento analítico aguçado e sobretudo o repórter que percorre o mundo para decifrá-lo. Essa última figura, proveniente de meios modestos, o faz, segundo Dominique Kalifa (2004), como um "porta-voz da democracia", pois não somente domina os procedimentos de investigação do real, como também possui a virtuosidade narrativa para transmitir a complexidade do mundo e propor uma elucidação narrativa.

5 Conclusão

Ao nos voltarmos para o romancista – esse romancista que realiza enquetes, como Zola, que desceu à mina para escrever *Germinal* (1885), ou percorreu a linha Paris-Le Havre a bordo de uma locomotiva para compor *La Bête humaine* (1890) –, percebemos claramente o quanto ele deve ao repórter, ao homem de campo, à caderneta, onde anota e coleta informações, mas também a experiência sensível vivida ao se expor às mesmas situações que depois atribuirá aos seus personagens. "O *'eu'* do repórter é corporeidade, corpo exposto, exibido, em perigo, cor-

po doente, corpo sentindo, escutando, farejando"[14], escreve Marie-Ève Thérenty (2007, p. 317) em *La Littérature au quotidien*. Zola realiza suas enquetes com seu "corpo sentindo, escutando, farejando" e faz um estoque de sensações que serão reinvestidas na ficção a fim de dar corpo a seus seres de papel.

Desde as últimas três décadas do século XIX, a reportagem caracteriza-se pela imersão corporal (Muhlmann, 2004): o repórter vê com atenção, escuta e sente. Esses são rituais de objetividade: a insistência nas sensações conquista a confiança do leitor que creem no que leem. "O lema do repórter poderia ser 'sinto, logo existo', 'sinto, logo meu testemunho é verídico" (Simard-Houde, 2018). Indo-se mais longe, o valor desses testemunhos, produzido por essas notações físicas e pessoais, pode igualmente suscitar no leitor uma forma de empatia porque esse último percebe o preço que o repórter paga, colocando-se eventualmente em perigo, sentindo na pele o que descreve. O que já valia bem evidentemente para Albert Londres vale para aquele que realiza uma enquete à moda de Zola: aquele que, descendo à mina em Anzin, anota todas as suas impressões e as transfere ao personagem Etienne, do romance *Germinal*, coloca em jogo algo de pessoal e faz igualmente da sua experiência singular, que desliza até um de seus personagens, uma experiência pública ou universal: cada um pode se identificar com Étienne e sentir essa "vertigem ansiosa da queda, que lhe tiravam as entranhas"[15] (Zola, 1885, p. 34), pois o personagem, *via* Zola escritor, experiencia essa sensação.

No século XIX, a enquete está em todos os lugares, por seus métodos, pelas competências que ela solicita, pelas diversas práticas que ela inspira. Ela é o modo de exploração de um real instável, opaco, misterioso e, em contrapartida, serve de matriz para formas literárias e jornalísticas. Ela acompanha a corrente realista em suas realizações narrativas assim como ela serve de trama para gêneros nos quais são realizadas *en abîme* a enquete do policial ou do juiz. Suas declinações (reportagem, testemunho, escrita romanesca) são

14 No original: "Le 'je' du reporter est corporéité, corps exposé, exhibé, en danger, corps malade, corps sentant, écoutant, reniflant".

15 No original: "Vertige anxieux de la chute, qui lui tirait les entrailles".

todas democráticas e contrastam com as formas codificadas e escolhidas pela literatura do Antigo Regime. Toda testemunha pode contar o que viu; qualquer um pode se tornar repórter. Cada um pode, então, tornar-se alguém que realiza enquetes.

Referências

ENQUETE. *In:* DICTIONNAIRE de l'Académie française. 4. ed. [*S. l.*]: Académie Française, 1762. Disponível em: http://www.dictionnaire-academie.fr/article/A4E0900. Acesso em: 18 fev. 2021.

BALZAC, Honoré de. Préface. *Une Fille d'Ève*. Paris: Hyppolite Souverain, 1839, p. 3-41. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k113380x. Acesso em: 5 maio 2021.

CHANTRAINE, Pierre. Histor. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1968.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Conferências proferidas na PUC-RJ de 21 a 25 de maio de 1973. Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Dits & Écrits*. T. 1. Paris: Gallimard, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir:* Naissance de la prison. Paris: Gallimard, 1975.

GALBY-MARINETTI, Édouard. Le Journal des Goncourt pendant le siège de Paris: l'intime à la conquête de l'histoire. *Cahiers Edmond et Jules de Goncourt*, [*s. l.*], n. 27, p. 99-116, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.4000/cejdg.828. Acesso em: 4 abr. 2023.

GINZBURG, Carlo. Traces. Racines d'un paradigme indiciaire. *In:* GINZBURG, Carlo. *Mythes, traces, emblèmes:* Morphologie et histoire. Paris: Flammarion, 1989. p. 139-180.

GINZBURG, Carlo. Signes, traces, pistes. Racines d'un paradigme indiciaire. *In:* GINZBURG, Carlo. *Le Débat*. Paris: Gallimard, 1980. p. 3-44.

GONCOURT, Edmond et Jules de Goncourt. Prefácios de *Germinie Lacerteux*. Trad. Zadig Gama. *Itinerários*, [*s. l.*], n. 56, p. 229-240, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.58943/irl.v1i56.17781. Acesso em: 12 dez. 2023.

HERÓDOTO. *Histoires*. Livre I: Clio. Tradução: Philippe-Ernest Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1932. (Coll. Budé).

JEANNELLE, Jean-Louis. Pour une histoire du genre testimonial. *Littérature*, [*s. l.*], n. 135, p. 87-117, 2004. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/litt_0047-4800_2004_num_135_3_1863. Acesso em: 23 fev. 2025.

KALIFA, Dominique. Policier, détective, reporter: Trois figures de l'enquêteur dans la France de 1900. *Mil neuf cents Revue d'histoire intellectuelle*, [*s. l.*], v. 1, n. 22, p. 15-28, 2004. Disponível em: https://doi.org/10.3917/mnc.022.0015. Acesso em: 23 fev. 2025.

LAROUSSE, Pierre. Enquête. *Grand Dictionnaire universel du XIX*e *siècle*. Tomo 7. Paris: Administration du Grand Dictionnaire Universel, 1870. 600 p. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k205359t. Acesso em: 18 fev. 2021.

MUHLMANN, Géraldine. *Une histoire politique du journalisme (XIX*e*–XX*e *siècle).* Paris: Presses universitaires de France, 2004.

PENNANECH, Florian. Portrait du critique en enquêteur. *Romantisme*, [*s. l.*], v. 149, n. 3, p. 65-75, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.3917/rom.149.0065. Acesso em: 18 fev. 2021.

PINSON, Guillaume. *L'imaginaire médiatique. Histoire et fiction du journal au XIX*e *siècle*. Paris: Classiques Garnier, 2013. (Coll. Études romantiques et dix-neuvièmistes).

SIMARD-HOUDE, Mélodie. Les corps du reporter: corps propre, corps "témoin", corps public. *COnTEXTES*, [*s. l.*], n. 20, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.4000/contextes.6421. Acesso em: 18 fev. 2021.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIX*e *siècle.* Paris: Seuil, 2007. (Coll. Poétique).

ZOLA, Émile. *Germinal*. Paris: Charpentier, 1885.

ZOLA, Émile. *Roman expérimental*. Paris: Charpentier, 1902. Disponível em: https://ia801404.us.archive.org/27/items/leromanexprime00zola/leromanexprime00zola.pdf. Acesso em: 18 fev. 2021.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.